

O JARDIM DE INFÂNCIA DO CLUB ATHLETICO PAULISTANO (1958-1961)

NOTA SOBRE UMA OBRA INÉDITA DE PAULO MENDES DA ROCHA

POR DANIELE PISANI

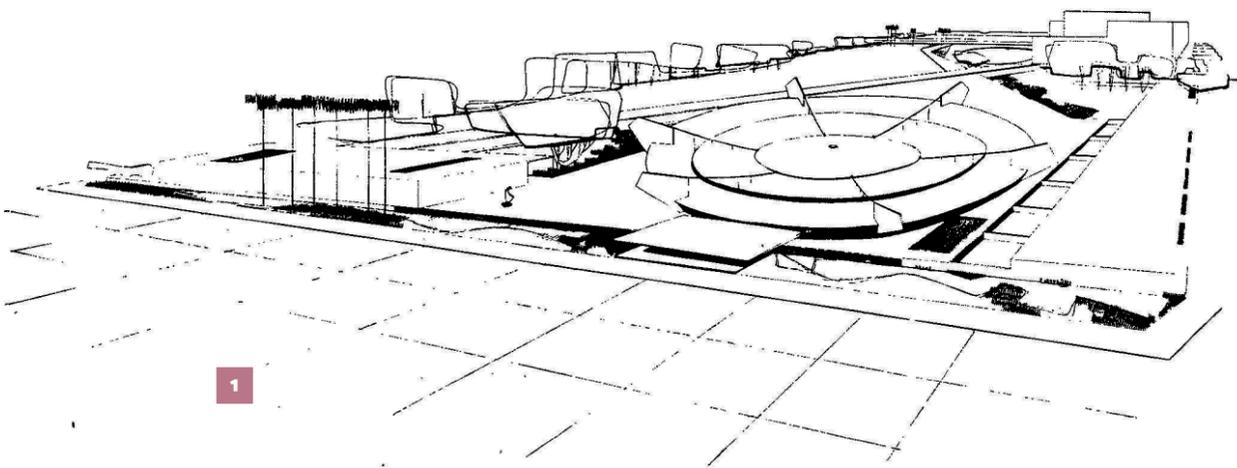
Após décadas e décadas em que ficou descaracterizado, quase irreconhecível, o Ginásio do Club Athletico Paulistano, obra prima dos então jovens arquitetos Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo De Gennaro, está sendo atualmente recuperado. Enquanto o Ginásio está no centro das atenções, publicamos a seguir um projeto dos mesmos arquitetos, para o mesmo clube e da mesma época, que ficou até agora desconhecido: uma obra pequena, que nos obriga, contudo, a repensar a arquitetura paulista de então.

Em 1958, o jovem Paulo Mendes da Rocha ganhou, junto com o seu recém-sócio João Eduardo de Gennaro, o concurso para o Ginásio do Club Athletico Paulistano. O projeto suscitou de imediato grande interesse no meio arquitetônico paulista. Dois anos depois, Mendes da Rocha foi chamado para ser assistente de João Batista Vilanova Artigas na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP) e em 1961 recebeu o Prêmio Especial Presidente da República pelo projeto do Ginásio na 6ª Bienal de São Paulo. Bem menos sabido - ou, mais exatamente, totalmente esquecido - é que, enquanto desenvolvia o projeto para o Ginásio, o jovem arquiteto capixaba estava também encarregado de projetar o Jardim de Infância do mesmo clube. O projeto até chegou a ser construído. Mas na época não foi publicado. Agora apresentamos então um projeto absolutamente inédito, mas de quase 60 anos atrás e há muito tempo demolido. Quando finalizei meu primeiro livro ("Paulo Mendes da Rocha, Obra Completa". Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2013) sobre o arquiteto, há alguns anos, eu já tinha notícia desse projeto. Conhecia algumas pranchas e um documento da época, assinado pelo próprio Mendes da Rocha - o curriculum vitae que ele entregou à FAU USP

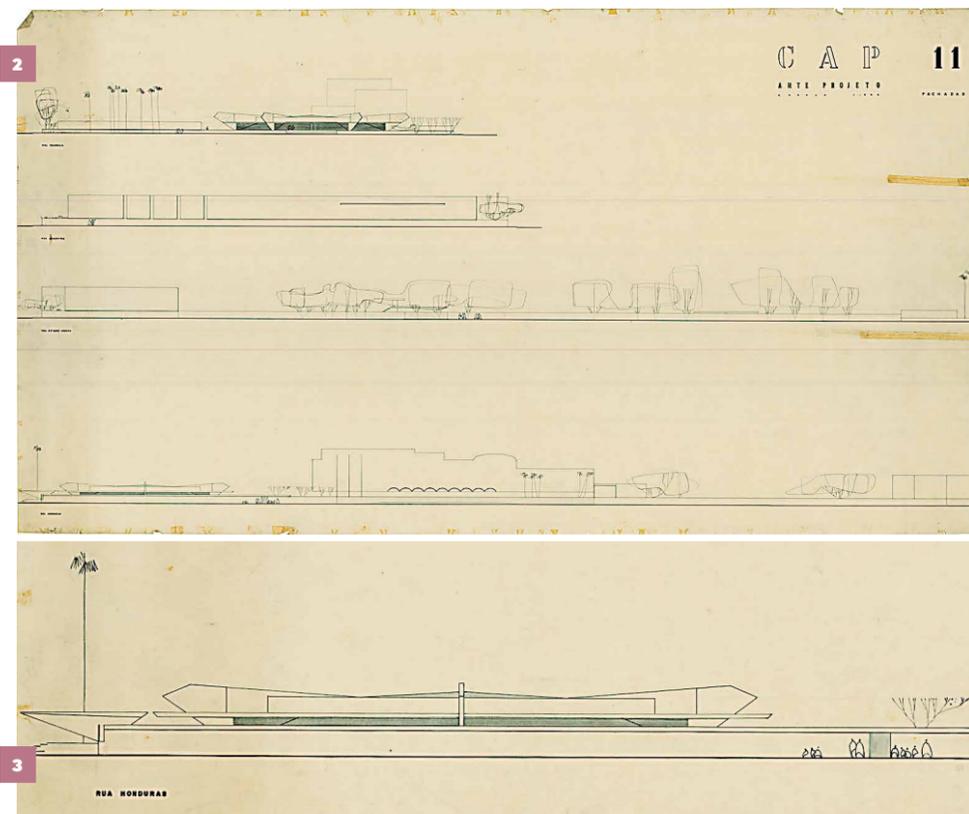
se candidatando como assistente de Artigas em "Composição de Arquitetura. Grandes Composições II", em 20 de julho de 1960 -, no qual declarava que o projeto tinha sido realizado. Contudo, eu não tinha visto a obra ou qualquer foto dela; portanto, por prudência, na lista dos projetos que elaborei assinei a minha dúvida sobre a sua efetiva realização. Àquela altura, não tinha como comprovar que a obra existisse ou tivesse existido. Só agora, junto com as pranchas que estão no escritório do arquiteto, encontrei e posso apresentar algumas fotos do Jardim de Infância do Paulistano como era nos seus primeiros anos de funcionamento.¹ Temos finalmente conhecimento de mais uma obra de Paulo Mendes da Rocha. O projeto foi desenvolvido entre 1958 e 1961. A elaboração de uma proposta para o Jardim era um dos pedidos do edital do concurso; e já no projeto apresentado por Mendes da Rocha e De Gennaro - que portanto não era só para o Ginásio - se encontrava um jardim de infância, elogiado, aliás, pelo próprio júri ("merecendo especial destaque as soluções dadas ao jardim da infância..."). Mas a direção do Paulistano parece ter pedido para os arquitetos desenvolverem o projeto para o Jardim quando eles já estavam empenhados em detalhar aquele para o Ginásio.

¹ As fotos se encontram no próprio Club Athletico Paulistano, ao qual agradecemos pela autorização para utilização nesse artigo. Note-se que poucas das pranchas guardadas no escritório de Paulo Mendes da Rocha correspondem à versão definitiva do projeto. Das pranchas aqui publicadas, apenas aquela em que é representada a fachada do bloco das salas de aula em direção ao pátio coincide com o prédio realizado; a outra difere em maior ou menor medida do que se vê nas fotos.

1.º prêmio: arquitetos Paulo A. Mendes Rocha e João Eduardo De Genaro



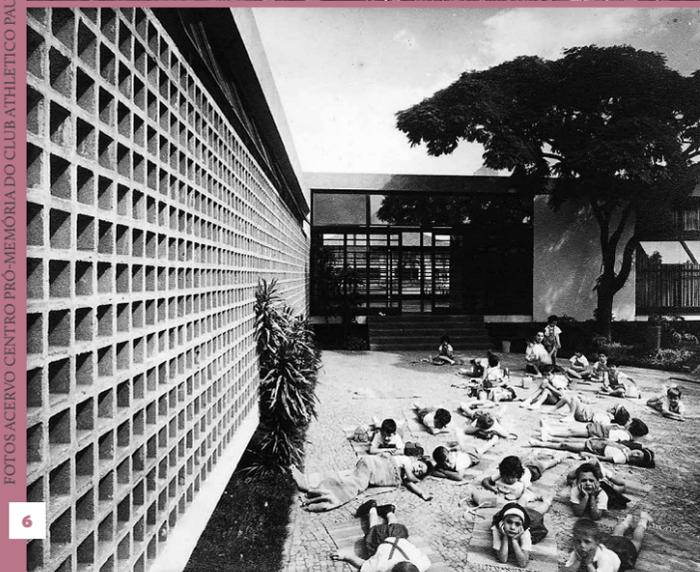
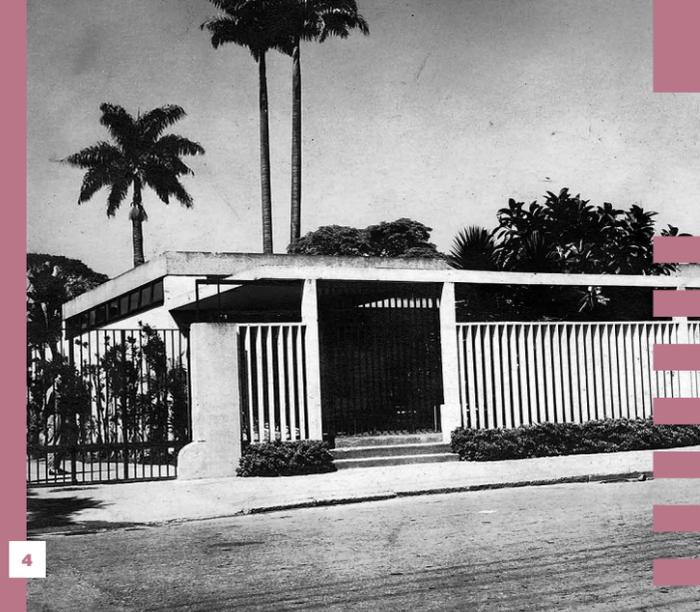
1 Perspectiva do anteprojeto do Ginásio, extraída da Revista Habitat VII, 47, março/abril de 1958
2 Prancha com as fachadas do anteprojeto do Ginásio / **3** Detalhe da fachada da rua Honduras, extraída da prancha de cima, em que se vê (à direita) as crianças do Jardim



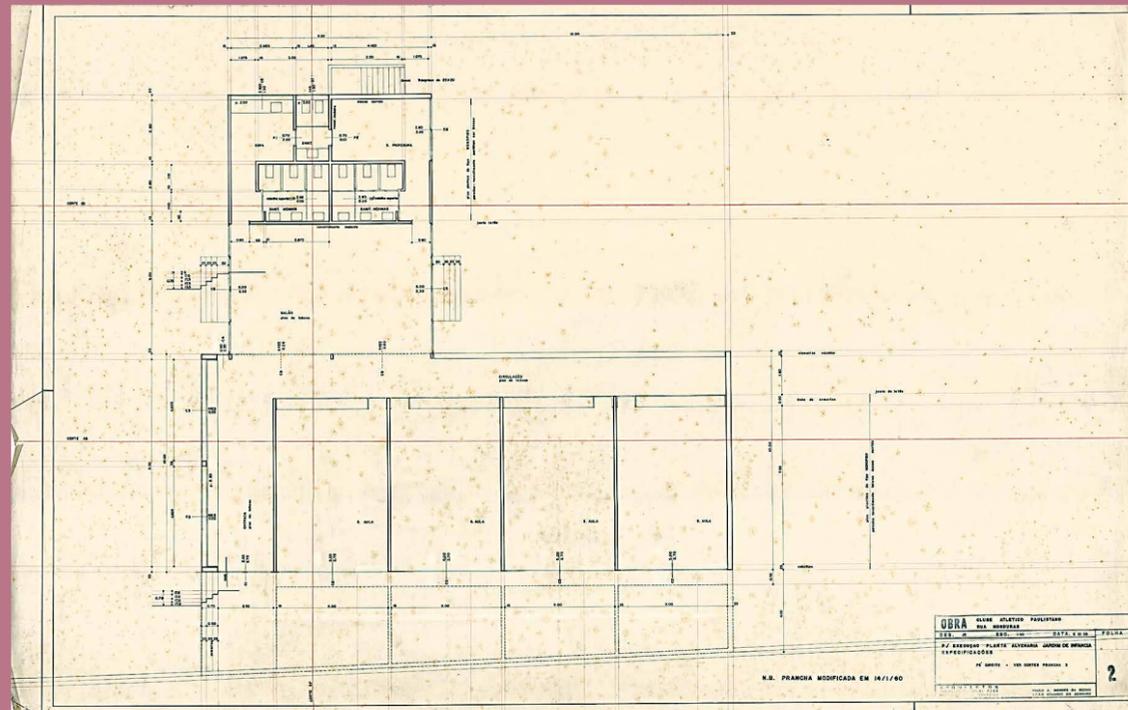
ARQUIVO PAULO MENDES DA ROCHA

Desse modo, Ginásio e Jardim, que no projeto entregue ao júri eram ligados (além de adjacentes), acabaram se separando, tendo cada um deles um desenvolvimento autônomo. E quando, em 1961, as revistas publicaram e celebraram o Ginásio, não se deram sequer conta da existência do outro prédio, no outro lado do terreno do Paulistano. O desenvolvimento independente dos dois projetos, por sua vez, tem provavelmente a ver com a ponderação de muitas possíveis localizações para o Jardim: no projeto entregue ao júri, por exemplo, ele era previsto na rua Honduras, entre a esquina com a rua Colômbia e a sede social do Paulistano, construída conforme o projeto de Gregori Warchavchik. Mas ele acabou sendo realizado do lado da rua Estados Unidos. Do projeto para o Jardim existem muitas versões. Aquela realizada era composta por dois blocos, ambos em concreto armado, cuja autonomia era sublinhada tanto pelo pé direito levemente diferente, quanto pelo desenho das fachadas. O primeiro bloco era disposto paralelamente à rua e hospedava a sequência das salas de aula. Uma malha estrutural se destacava desse bloco e se transformava na grade ao longo da rua Estados Unidos, interrompida só para permitir o acesso ao Jardim. O segundo bloco continha, em primeiro lugar, o espaço maior do conjunto: o salão coberto, colocado no cruzamento entre a entrada e a circulação das salas da aula, e aberto, com sua fachada de vidro, em direção ao pátio ajardinado. No fundo desse segundo bloco, se encontravam sanitários e outros espaços de serviço.

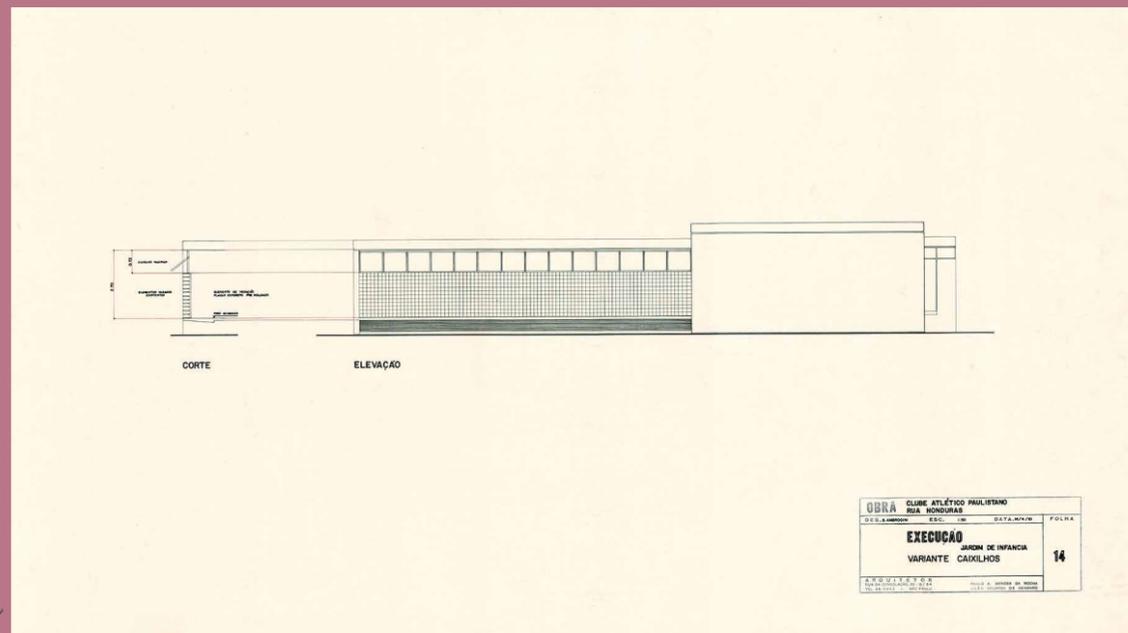
4 Vista da entrada do Jardim de Infância pela rua Estados Unidos / **5 e 6** O pátio para o lazer das crianças, tendo ao fundo o bloco das salas de aula (primeira foto) e o volume do salão coberto (segunda foto)



FOTOS ACERVO CENTRO PRÓ-MEMÓRIA DO CLUB ATHLETICO PAULISTANO



Pranchas das plantas do térreo e da fachada interna do bloco das salas de aula. Note-se que a planta não coincide exatamente com o projeto que foi construído



ARQUIVO PAULO MENDES DA ROCHA

Não menos importante do que os dois blocos era, entretanto, o pátio que acabamos de mencionar, que funcionava talvez como a principal área destinada ao lazer das crianças. Nele existia também a escultura de um pássaro da artista - então bem sucedida, como demonstra entre outras coisas a sua participação na 5ª Bienal de São Paulo, de 1959, com duas obras - Heloísa Alves de Lima e Motta.² Contrariamente ao Ginásio, o Jardim não emprega a estrutura para fins expressivos. Contrariamente ao Ginásio, o Jardim utiliza, porém, alguns elementos pré-moldados. Como devemos interpretar isso? A essa breve nota não cabe a tarefa de posicionar o Jardim de Infância do Paulistano na carreira de Paulo Mendes da Rocha ou, mais em geral, na arquitetura paulista da época. Tarefa que - vale de toda forma assinalar - não é nada fácil. O arquiteto e muitos dos seus colegas paulistas, naqueles mesmos anos, estavam empenhados em elaborar uma arquitetura para as crianças no quadro do Plano de Ação do governo Carvalho Pinto; mas à arquitetura escolar é que eles estavam então se dedicando, e não ao projeto de creches; e, além disso, para o Governo do Estado é que eles estavam elaborando os seus projetos, enquanto que em nosso caso Mendes da Rocha e De Gennaro trabalhavam para um exclusivo clube particular. Sem considerar que eles não estavam elaborando uma simples creche

para o Paulistano, e sim um jardim de infância, que enquanto tal tem características próprias e torna assim ainda mais difícil a comparação. Algo, porém, é evidente: o Jardim de Infância do Club Athletico Paulistano não possui as características arquitetônicas que se continua a considerar como típicas da alegada “escola brutalista”, ou “paulista”. A arquitetura construída em São Paulo naquela época, com efeito, é ainda interpretada com base em seus pretensos princípios formais. Dessa forma, ela é involuntariamente reduzida a mais um “estilo”. Por consequência, as suas soluções formais é que são analisadas, e não as razões pelas quais elas foram elaboradas. Ora, o Jardim de Infância do Club Athletico Paulistano é precioso exatamente na medida em que não se encaixa nessa construção: ele nos mostra com clareza que a definição da alegada “escola brutalista” foi possível apenas através da construção de um cânone que excluiu - muito simplesmente - as obras que nele não se encaixavam. Considerar a arquitetura paulista da época como um conjunto unitário de obras com caráter mais ou menos homogêneo, além de restritivo, é portanto impróprio. Pode ajudar o pesquisador, mas não a pesquisa - e ainda menos a compreensão das razões de uma arquitetura que merece ser pesquisada na sua riqueza e complexidade, e sem atalhos.

² A escultura ainda pertence ao Paulistano, conforme me declarou Ana Paula Fernandes, do Centro Pró-Memória do Paulistano - a quem agradeço pelos esclarecimentos e ajuda prestada. Note-se que a própria artista foi cliente do arquiteto, mais ou menos no mesmo período: para ela é que o arquiteto desenhou em 1961 uma casa de madeira em Ilhabela.